



A NUMISMÁTICA BÍBLICA NA PERSPECTIVA FILOSÓFICA ZUBIRIANA

Sérgio Claudio de Sousaⁱ

RESUMO – Neste artigo sobre a numismática bíblica será feita uma apresentação desde o sistema de trocas (escambo), até a utilização das moedas no Antigo Testamento bem como nos tempos de Jesus Cristo, esclarecendo a relação da moeda nesses tempos bíblicos, sob a perspectiva teológica, e a abordagem entre as imagens cunhadas e a práxis religiosa da época, transportando essa práxis para atualidade utilizando-se para tanto a linha filosófica iniciada por Heidegger, passando por José Ortega y Gasset, com o ápice em Xavier Zubiri, e finalmente com Ignácio Ellacuría e sua práxis citada em sua obra: **Filosofía de la realidad histórica**. No início deste estudo será apresentado para entendimento do texto, informações quanto à linha filosófica Zubiriana, iniciando os estudos em Heidegger até Ellacuría, sendo que para este estudo o ponto fundamental é Zubiri.

PALAVRAS CHAVE - Numismática bíblica, Teologia, Filosofia, Imagem e Práxis Religiosa.

ABSTRACT - In this article on biblical numismatics a presentation will be made from the exchange system (barter), to the use of coins in the Old Testament as well as in the times of Jesus Christ, clarifying the relationship of money in these biblical times, from the theological perspective, and the approach between the minted images and the religious praxis of the time, carrying this praxis to the present day using the philosophical line initiated by Heidegger, passing through José Ortega y Gasset, with the apex in Xavier Zubiri, and finally with Ignácio Ellacuría and its praxis cited in its work: *Philosophy of the historical reality*. At the beginning of this study, information about the Zubirian philosophical line will be presented for understanding the text, starting the studies in Heidegger up to Ellacuría, and for this study the fundamental point is Zubiri.

KEYWORDS – Biblical numismatics, Theology, Philosophy, Image and Religious Praxis.



Introdução

Seria difícil para nossos pais pensarem em fazer suas transações comerciais como receber ou pagar sem utilizarem cédulas ou moedas, para nós se pode dizer o mesmo com relação a bancos, talões de cheque, moedas plásticas e caixas eletrônicos, para nossos filhos, o acesso aos bancos e às operações de pagar e receber feitas através da internet via “celular”, a moeda virtual, bitcoins, entre outras, que se tornou a forma mais rápida para realizarem suas transações comerciais.

Mas nem sempre as modificações do sistema de pagamento e recebimento foram tão rápidas como nos tempos atuais, há milênios a forma mais comum de pagamento era feito através de escambo, ou seja, permuta, troca direta ou, simplesmente, troca que era a transação ou contrato em que cada uma das partes entrega um bem ou presta um serviço para receber da outra parte um bem ou serviço em forma de crédito, sem que um dos bens seja a moeda.

Esse método se revelou eficiente para as culturas da época, embora muitas foram as dificuldades surgidas nessas operações, e muitas vezes difícil de se finalizar porque certas condições eram necessárias para tanto: A primeira

condição, um teria que querer o bem do outro, e, por conseguinte a segunda condição é que o outro teria que querer o bem do primeiro, e a terceira condição é que os bens negociados teriam que ter “aproximadamente o mesmo valor”, no entanto conforme as sociedades evoluíam tornando-se mais complexas novas formas mais eficientes e estáveis para as negociações surgiram, aos poucos as sociedades concordaram em atribuir valor a certos objetos, objetos estes os mais variados possíveis, sendo que os metais prevaleceram.

No século VII a.C., o rei Aliates, fundador do Reino da Lídia (atual Turquia), mandou extrair um pedaço de electro (liga natural de ouro e prata) e fundi-lo na forma de um disco. Dando origem assim a primeira moeda a circular na Eurásia, ou seja, algo cujo valor estivesse baseado e equivalesse ao custo de material a partir do qual ele tivesse sido produzido. Hoje em dia, esse tipo de moeda é conhecido como estáter. A primeira moeda da civilização foi cunhada com a efígie de um leão, que era o símbolo da família real da Lídia. Os historiadores não chegaram a um consenso em relação ao valor dessa moeda. Ela podia representar cerca de 11 ovelhas, 10 cabras ou até mesmo um mês de subsistência! (WEATHERFORD, 1999, pg. 36-37)



O sucesso da moeda foi sem precedentes e cem anos depois, em torno de 550 a.C, outro rei de Lidia chamado Creso emitiu uma nova moeda, o Estáter a primeira no mundo a ter um selo real

no reverso. Era de ouro puro, e tinha de um lado um leão rugindo e, do outro lado, a marca do rei.



Figura 1

Autoridade Emissora: Reino da Lidia; denominação: Estáter de Ouro, 550 a.C.
Anverso: leão rugindo; reverso: símbolo da família real da Lidia.
(Fonte: JAFET Numismática, <http://jafetnumismatica.com.br>)

A riqueza de Cresos e seus ancestrais não surgiu a partir da conquista, mas do comércio. Durante seu reino (560-546 a.C), Cresos criou novas moedas de puro ouro e prata em vez de electro. Usando suas moedas recém-criadas como um meio padronizado de troca, os comerciantes lídios negociavam para suprir as necessidades diárias da vida - grãos, óleo, cerveja, vinho, couro, cerâmica e madeira, bem como de produtos de luxo... A variedade e abundância dos produtos comerciais levaram rapidamente a outra inovação: o mercado varejista. Em vez de deixar os compradores procurar alguém que tivesse óleo ou joias para vender, os reis de Sardes montaram um novo sistema inovador no qual qualquer pessoa, até mesmo um desconhecido que tivesse algo para vender, poderia

vir ao mercado central.
(WEATHERFORD, 1999, p. 36-37).

No ano 546 a.C. os persas invadiram o reino de Lidia e encontraram as moedas. Isso os motivou a fabricá-las. Na numismática Dário “O Grande” é importante por ter sido o primeiro governante a cunhar uma moeda exclusivamente persa! A partir de 520 a.C. ele introduziu uma cunhagem com novos desenhos: um arqueiro barbudo (pensado para representar o rei ou um herói) no anverso, em torno de 510 a.C. o estilo do siglo de prata e do dárico de ouro sofreram uma modificação em sua representação do reverso, agora, o “rei-



herói” é retratado como uma figura completa de joelhos, com um tremor nas costas, prestes a soltar uma flecha. Ele os chamou Dárico em homenagem ao seu nome. Darío impôs seu sistema

monetário em todo o império e, como a Palestina pertencia ao império persa (589 a.C.), essas moedas foram as primeiras que circulavam naquele território.

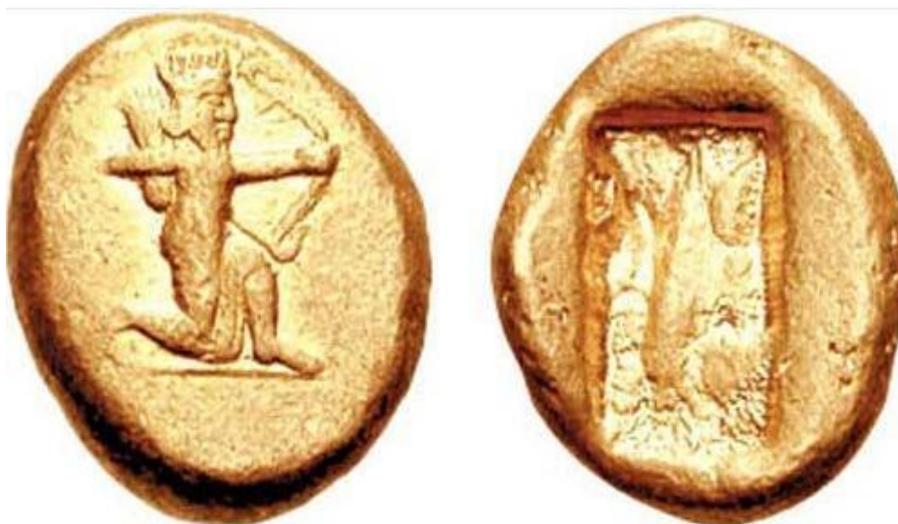


Figura 2

Autoridade Emissora: Pérsia

Denominação: Dárico de ouro, 7 gramas; 505-480 a.C.

Anverso: figura do rei de joelhos com um arco prestes a soltar uma flecha; reverso: Selo real.

(Fonte: JAFET Numismática, <http://jafetnumismatica.com.br>)

Portanto desde o início que as moedas se apresentam como transmissora de uma ideologia e do poder político.

Nesse sentido, as amoedações emitiam mensagens de poder de um soberano. Pelo metal precioso, ou não, em que estava lavrada, ela veiculava também a ideologia comum a uma civilização [...] ou a orientação política de um governante. As suas legendas, tipos, refletiam a estrutura político-ideológica de um povo ou de vários povos, como também retratavam o fato vivido, seu dia a dia, suas conquistas. (CARLAN, 2013. p. 51).

Deve-se ressaltar que mesmo em épocas de utilização das moedas se utilizou de outros elementos como forma de troca ou de pagamento, como por exemplo, pode-se citar que na época das grandes navegações e do colonialismo europeu, na África Ocidental, utilizou-se de um bracelete chamado de manilha ou manilha. As manilhas (ou moedas-argolas), feitas na sua maioria de cobre, eram empregadas como meio de troca na África Ocidental, que hoje compreende a Nigéria, Gana, Benin e Togo. Seus valores eram proporcionais a quantidade de metal que continham, podendo pesar



entre 2700 e 200 gramas. Suas formas eram variadas também: ferradura, semicircular, anel, bracelete ou corda retorcida. Um manual português do

século XV traz o valor comercial das manillas: com quarenta delas comprava-se um escravo.



Figura 3:

Manillas ou Manilha (Royal Art da África, por Armand Duchateau), Photographs © Hamill Gallery



Figura 4

Benin Bronze representa um soldado português com manillas no fundo.

Pode-se dizer que as moedas já foram cunhadas com a efígie dos deuses,

imperadores, reis e rainhas, e de poderosos, entre outros, desta forma as



moedas conservaram esse caráter político essencial até a época atual, quando ainda são emitidas por ocasião de grandes eventos, como os jogos desportivos ou a datas nacionais importantes. **Também não deixaram de desempenhar suas funções em ritos e sacrifícios**, pois ainda hoje, moedas são encerradas no cimento de pontes e edifícios, lançadas em fontes, oferecidas como símbolo de alianças matrimoniais e colocadas na boca ou na mão dos mortos, que transportam para o além os rituais de pagamento do mundo dos vivos.

Mas a principio no contexto deste estudo primeiro é preciso entender o que é numismática, e como ela se insere no contexto do homem e da sociedade em que vive, e em particular com o universo bíblico:

A Numismática é a ciência auxiliar da História que estuda as peças metálicas conhecidas como moedas e medalhas. A etimologia da palavra que define a “ciência das moedas” é o vocábulo grego nomos- do qual derivou nomisma, que significa lei, convenção, contrato, lembrando a característica fundamentalmente contratual da moeda como instituição, bem como nummus (em latim, dinheiro amodado). Como menciona Aristóteles, a moeda “chama-se nomisma porque não é um produto da natureza e sim da lei”. (CORRÊA do LAGO, 2004, p. 11).

Dessa maneira, entender as mudanças de sistemas monetários que ocorreram e que ainda ocorrem na história humana é entender práxis da realidade do desenvolvimento da vida em seu dia a dia,

do comércio, do desenvolvimento tecnológico, isto porque através das moedas e posteriormente das cédulas de papel podemos definir datas, no caso específico das moedas a partir do estudo da composição de materiais (ligas) utilizadas na confecção das mesmas e até mesmo na técnica utilizada em sua cunhagem.

Essa revolução, primeiramente, ocorreu no campo psíquico, depois no âmbito social e finalmente no contexto cultural, tendo como função principal centralizar em si todos os aspectos essenciais relacionados com a estrutura do pensar, comportar e relacionar do ser humano. Desta maneira a Moeda acumulou simultaneamente a função de símbolo pátrio de unidade, objeto de interação social e troca comercial além de transmitir o passado histórico como também perpetuá-lo ao longo das gerações, tornando-se objeto arqueológico. (Portal São Francisco, 2020, p.26)

De forma geral pode-se dizer que moeda é segundo Wassily Leontieff (economista russo, Prêmio Nobel de Economia em 1973): “A moeda é a mercadoria que serve de equivalente geral para todas as mercadorias”. (Portal São Francisco, 2020, p. 14).

Assim a partir da apresentação dos textos bíblicos (não todos os textos que contenham referências a ofertas, pagamentos ou recebimentos quer sejam por escambo ou moeda), chegar à práxis desta realidade histórica, e desta forma abrir novas perspectivas ou mesmo reforçar o entendimento sobre a que Jesus se referia quando citou a uma ou



outra moeda nos relatos transcritos pelos apóstolos nos evangelhos, observando-se que neste trabalho a ênfase se dará na passagem em que Jesus diz: A Cesar o que é de César, que é começo de uma frase atribuída a Jesus nos evangelhos sinóticos, onde se lê «Devolvei, portanto, a Cesar o que é de César, e a Deus o que é de Deus.» (Mateus 22,22) (em grego: *Ἀπόδοτε οὖν τὰ Καίσαρος Καίσαρι καὶ τὰ τοῦ Θεοῦ τῷ Θεῷ*).

A Práxis filosófica Zubiriana

Este artigo inicia-se com a proposição de estudar a práxis social e teológica a partir do gatilho imagético da numismática, na perspectiva filosófica da linha Zubiriana desenvolvida desde Heidegger passando por José Ortega y Gasset, tendo seu ápice em Zubiri, com a aplicação dessa filosofia na práxis de Ignácio de Ellacuria, portanto, para que se possa entender esse movimento de desenvolvimento filosófico, se faz necessário seguir o pensamento desses filósofos em suas linhas básicas, dessa forma o primeiro a ser apresentado é Heidegger.

Martin Heidegger (1889 - 1976), nascido no império alemão, foi um filósofo, escritor, professor universitário e reitor da Universidade de Freiburg, em seu primeiro e mais conhecido livro, **Ser e tempo** (1927), embora inacabado, tornou-se uma das obras filosóficas centrais do século XX. Heidegger tentou se afastar das questões

“ônticas” sobre os seres para as questões ontológicas sobre o Ser e recuperar a questão filosófica mais fundamental: a questão do Ser, do que significa para algo ser. Heidegger abordou a questão por meio de uma investigação sobre o ser que tem uma compreensão do Ser, e faz a pergunta sobre ele, a saber, o Ser Humano, que ele chamou de Dasein (“estar lá”).

Argumentou que o Dasein é definido por Care, seu modo de ser-no-mundo praticamente engajado e preocupado, sobre coisas originalmente descobertas em nossos compromissos práticos cotidianos. A consequência disso é que nossa capacidade de pensar não pode ser a qualidade mais central de nosso ser, porque o pensamento é uma reflexão sobre essa maneira mais original de descobrir o mundo. Heidegger argumenta que o ser humano é ainda mais fundamentalmente estruturado por sua temporalidade, ou sua preocupação com a relação com o tempo, existindo como uma “possibilidade-de-ser” estruturalmente aberta.

José Ortega y Gasset (1883 - 1955), espanhol, entende o conhecimento filosófico como uma reflexão sobre a própria vida, como um diálogo com o entorno, com base na circunstância concreta em que cada homem se encontra imerso. O instrumento dessa reflexão é a razão, mas não a razão abstrata que a ciência utiliza, e, sim, a “razão vital” ou a “razão histórica”. Para o autor, o homem não pode se colocar no lugar de espectador da própria vida. Ao contrário, o protagonista do drama não



está fora dele nem antes dele: ele é a representação do drama. A identidade do homem tem como conteúdo seu próprio projeto, ou seja, o papel que decide representar no drama de sua existência, drama que, por sua vez, consiste e se esgota no argumento. O argumento e somente o argumento é a substância da vida.

Esse é o sentido da mais famosa frase que resume a filosofia Ortegiana, presente em sua primeira obra, **Meditações do Quixote**: “Eu sou eu e minha circunstância”. (GASSET, 1914, p.12).

Significa que, para ele, o sujeito se define a partir de um envolvimento com o mundo objetivo e, ao mesmo tempo, o mundo objetivo é alterado e definido a partir da presença ativa do sujeito. Entretanto, a expressão tem uma segunda parte: “[...] e se não salvo, não salvo também a mim”. (Idem). Ortega y Gasset quer dizer que, para que o “eu” seja de fato “eu”, singular, encontre-se em situação a não confundir-se com o mundo que o rodeia, ele precisa constantemente alterar as circunstâncias que englobam sua vida. Alterar as circunstâncias visando à constante excelência do viver é ponto alto da ética orteguiana e de toda a sua filosofia.

Para ele, não é possível considerar o ser humano como sujeito ativo sem levar em conta simultaneamente tudo o que o circunda, a começar pelo próprio corpo e chegando até o contexto histórico em que se insere.

Linhas que se cruzam, Heidegger estudou teologia na Universidade de

Freiburg, tendo rompido posteriormente com o catolicismo, depois, estudou filosofia na mesma Universidade, com Edmund Husserl, o fundador da fenomenologia. Posteriormente Husserl foi chamado a ensinar em Freiburg e Heidegger o seguiu como assistente. Professor por alguns anos na Universidade de Marburgo, em 1929. Heidegger sucedeu Husserl na cátedra de filosofia em Freiburg.

Ortega fez uso da fenomenologia de Edmund Husserl, que fundamentou tanto o seu proto-existencialismo (elaborado antes do existencialismo de Martin Heidegger) quanto seu historicismo realista.

Xavier Zubiri (1898 - 1983), teólogo e filósofo espanhol cujo trabalho se concentrou, fundamentalmente, nos campos da metafísica e da noologia. Membro da Escola de Madrid, foi discípulo de Ortega y Gasset e Martin Heidegger e professor de Ignacio Ellacuría, expoente da teologia da libertação. Zubiri realizou seu trabalho filosófico partindo da realidade como dado primário e radical, e não do conceito, como tem feito a filosofia desde os gregos. Assim, modulou um novo sistema em que sentir e inteligir são um só ato com momentos diferentes, porém único.

O eixo de sua pesquisa filosófica, é a “realidade”, a realidade é o fundamento de tudo, como primário e básico, no qual todos nós nos situamos. A essência como o unitário da coisa, como sistema, possibilita-nos sua abertura à totalidade da realidade. Finalmente, a estrutura



dinâmica, que é a essência mesma, “realitas in essendo”, dá de si por sua própria realidade, desde a mais sensível reação química até o dar-se de si da história. É essencial, no início deste trabalho, saber como o homem foi apreendendo a realidade das coisas que o cercam. Daí a importância do estudo imagético na numismática, para a evolução humana.

Para Zubiri, realidade é atualidade intelectual do que percebemos das coisas que se nos dão a conhecer. Portanto, realidade não é “a coisa” fora da inteligência, mas aquilo que é atualizado intelectivamente. Em outras palavras, a realidade está na mente das pessoas (Cf. ZUBIRI, 2011. p. 99), logo não é a coisa da qual foi feita a apreensão. A coisa continua sendo o que é, simplesmente a coisa, mas a realidade, que povoa a mente humana, tem um caráter de abertura transcendental, pois impõe atualização contínua. Por isso, a realidade mantém uma unidade essencial com a coisa da qual foi feita a apreensão de realidade. É aí que funciona a perene atualização. Nesse sentido, a realidade é algo muito dinâmico. É importante frisar que, para Zubiri, atualidade não é o que tem caráter de ato, no sentido aristotélico, mas aquilo cuja presença física é real, (Idem, p. 98), estamos falando do que é apreendido intelectivamente e que tem uma presença real em nossa inteligência.

Na obra de Zubiri, **Estructura dinámica de la realidad**, a metafísica é vista com grande importância na atualidade. A história está como diz Zubiri, montada sobre o conceito de

“possibilidade”. A história é uma atualização de possibilidades. A história refere-se à forma de realidade como princípio de possibilidades de realização do homem, recai, portanto, sobre “sucessos”, pois, para Zubiri, sucesso é a “atualização de possibilidades”.

A citada obra culmina em uma consideração sobre os dinamismos da sociedade e da história, que para o filósofo basco tais dinamismos entram em pleno direito em sua metafísica da realidade. Nesse contexto, Zubiri mesmo introduz a tese de que a realidade inteira do mundo é constitutivamente histórica, pois é o dinamismo próprio da história que afeta a realidade mesma em tanto que realidade, assinalando que os dinamismos próprios da história estão em respectividade com o resto das realidades do mundo. (Cf. ZUBIRI, 1994. p. 272).

Ignácio Ellacuría (1930 - 1989), filósofo e teólogo, espanhol, em 1947 ingressou na Companhia de Jesus, onde foi ordenado presbítero em 1961, estudou para o doutorado em Madri, na Universidade Complutense, sob a direção de Zubiri, que sempre o considerou o continuador de seu trabalho. Sua tese de doutorado é intitulada: **La principialidad de la esencia en Xavier Zubiri**, trabalho ainda não publicado. Ele também faz doutorado em teologia, mas não apresenta uma tese, embora saibamos que sua principal preocupação era Deus e a realidade histórica.

No ano de 1967, retorna a El Salvador onde já havia estado para atuar como professor na Universidade Centro-Americana (UCA), e em 1979 tornou-se



reitor da mesma. Como reitor procurou orientar o ensino a serviço das maiorias populares. Também foi fundador da "**Revista Latino Americana de Teologia**", juntamente com Jon Sobrino, e colaborador muito próximo do Arcebispo Oscar Arnulfo Romero.

Sua elaboração em teologia inclui obras como: "**Teología política**" (1973); "**Conversión de la Iglesia al reino de Dios. Para anunciarlo y realizarlo en la historia**" (1984) e "**Mysterium liberationis. Conceptos fundamenales de la teología de la liberación**" (1990). Ellacuría era diretor da revista "**Estudios Centro Americanos**" (ECA), quando, em 1976, publicou o editorial intitulado "**A sus órdenes, mi capital**", que resultou na retirada do apoio do governo salvadorenho à UCA e gerou a violência paramilitar contra a Universidade.

Seu trabalho **Filosofia da realidade histórica** foi editado post mortem pelo professor de filosofia Antonio González e publicado pelos editores da UCA de El Salvador em 1990. É evidente a título de conclusão que "a verdade da realidade não é o que já feito; isso é apenas parte da realidade. Se não nos voltarmos para o que está sendo feito e o que deve ser feito, a verdade da realidade nos escapa..." O texto reproduz o que foi dito em um ensaio de Ellacuría sobre "o objeto da filosofia". Para Ignacio Ellacuría "temos que fazer a verdade... , fazer aquela realidade que, em um jogo de práxis e teoria, é mostrada como verdadeira".

Em resumo, essa era a constante intelectual e prática de Ignacio Ellacuría:

deixar claro que "a realidade e a verdade devem ser feitas e descobertas, e que devem ser criadas e descobertas na complexidade coletiva e sucessiva da história, da humanidade". Portanto a práxis de Ignacio Ellacuría parte de que, se a unidade transcendental das distintas formas e modos de realidade culmina na história, e se a totalidade do real pode ser entendida como "realidade histórica", essa realidade histórica é a que constitui o objeto próprio da filosofia.

O fato marcante desses filósofos, sendo que Zubiri e Ellacuría também foram teólogos, foi que todos vivenciaram se não um, mas dois fatos marcantes da história da humanidade, a primeira guerra mundial, e a segunda guerra mundial, e os filósofos espanhóis antes da primeira guerra mundial, estiveram "presentes" ao aniquilamento do anarquismo na Espanha.

Essa incursão no movimento anarquista é para que se possa fazer uma abordagem mais ampla sobre os filósofos citados e o mundo em que viveram, e de forma especial para Ellacuría, pois as ideias apresentadas no anarquismo são próximas à sua da práxis de realidade histórica, por vezes citam este como de linha socialista, de fato não há um erro de concepção e sim de formulação, pois a tese do partido ocupar o papel principal das ações não partiu da linha majoritária dos anarquistas.

Desta forma, tendo estes filósofos como base, e como se pôde perceber através de sua contemporaneidade e por vezes afinidade nos estudos filosóficos, chegamos com esta bagagem para poder



nos ajudar no estudo de apenas algumas passagens do Antigo Testamento e outras citadas de Jesus Cristo no Novo Testamento sob o enfoque desta práxis de realidade.

A prática utilizada no Antigo Testamento e as moedas nele citadas

Verifica-se que até o livro de Crônicas no Antigo Testamento, moedas não são mencionadas. Então, como as transações comerciais eram pagas? Através do escambo, ou seja, com artigos ou elementos diversos, principalmente de ouro e prata, que eram calculados de acordo com seu peso. O primeiro personagem bíblico que é mencionado fazendo uma compra e pagar por ela foi no Pentateuco em Gênesis, Abraão, no dia em que sua esposa Sara faleceu. De acordo com Gn 23,14-16: “Efron respondeu a Abraão: Meu senhor ouve-me; uma terra de quatrocentos siclos de prata, o que é isso entre mim e ti? Enterra teu morto”. Abraão deu seu consentimento a Efron. “Abraão pesou para Efron o dinheiro de que falara diante dos filhos de Het; quatrocentos siclos de prata corrente entre os mercadores.” O siclo (em hebraico "shékel", do verbo shakál = pesar, pagar) era uma unidade de peso, e equivalia a cerca de 12 gramas. Então, pela terra, Abraão pagou 4 quilos e 800 gramas de prata.

Outra medida de peso foi o talento, equivalente a 60 minas, ou próximo de 43 quilos, que encontramos como exemplo citado em 2 Rs 18,14, onde o rei Ezequias de Jerusalém, quando da invasão dos

assírios, teve que pagar ao rei Senaquerib 300 talentos de prata e 30 talentos de ouro, isto é, 12.900 quilos de prata e 1.290 quilos de ouro.

Devemos neste ponto do estudo introduzir alguns elementos: O primeiro é a práxis da realidade histórica que por vezes é mascarada com elementos próprios da cultura como a interpretação de vivências originárias (Cf. MAÇANERO, 2011, p.10-11), e de apreensões do Sagrado, que posteriormente são transformadas para o entendimento como símbolos ou sinais ritualizados.

Um segundo elemento vem da cultura judaica, utilizado para se possa ampliar a perspectiva de compreensão do próximo texto, ou seja, devemos citar a relação entre Peshat e Midrash, pois é a relação entre uma interpretação fornecida pela escritura através da procura, Midrash, e o sentido literal do texto, Peshat, que já estavam presentes na tradição do povo hebreu, deve-se entrar ainda em outros aspectos de entendimento do texto, como por exemplo, quando se fala no sentido simples do texto na cultura judaica: A literatura Rabinica utiliza três termos para se referir ao sentido simples do texto, ke-mahmaõ (como se ouve, como vem entendido e transmitido pela tradição), mamash (o sentido concreto), vadai (o sentido evidente, óbvio). (Passeto, 2020, p. 27).

É importante ter-se citado essas linhas de pensamento judaico para que se possa verificar a complexidade que certos textos trazem em seu estudo e interpretação.



Neste ponto faz-se necessário compreender que o entendimento sobre a numerologia bíblica por vezes se afasta desta forma de entendimento.

No próximo texto o entendimento sobre pagamento ou recebimento não é simplesmente fazer-se a conversão para a atualidade como foi feito anteriormente em Gn 23, 14-16, ou de 2 Rs 18, 14, em 1 Rs 10,14-15, temos: “O peso do ouro que chegava para Salomão, era de seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro, sem contar o que lhe provinha dos mercadores itinerantes, do lucro dos comerciantes e de todos os reis do Ocidente e dos governantes da terra.”

Ou seja, Salomão recebia aproximadamente vinte e três mil quilos de ouro por ano, e por vários anos, para que se possa entender a complexidade da referência a esta quantia alguns exemplos são necessários:

O primeiro exemplo vem do Império Português que estabeleceu em sua colônia o Brasil a taxa denominada de o Quinto que era um imposto cobrado pela Coroa de Portugal e as Casas de Contratações sobre o ouro encontrado em suas colônias. Corresponhia a 20% do metal extraído e sua forma de cobrança variou conforme a época e a Coroa Portuguesa eram feita das primeiras doações das capitânicas hereditárias por D. João III, em 1534. Mesmo antes do descobrimento de minas de ouro no Brasil, as "Ordenações do Reino" estabeleciam como direitos reais, entre outros, as minas de ouro e prata ou qualquer outro metal.

Os quintos do ouro: o imposto régio sobre o ouro consistia no estabelecimento de que um quinto (20%) do ouro extraído no território português do Brasil seria da Coroa Portuguesa por direito.

... O Marquês de Pombal extinguiu a capitação na cobrança do direito senhorial dos quintos, e a substituiu pela retenção dos quintos por Casas de Fundação com uma quota mínima anual de **100 arrobas (1500 quilogramas)** que seria garantida pelos municípios, comprometendo-se estes a lançar derramas para compensar eventuais diferenças entre a quantia efetivamente arrecadada e a importância destinada ao erário real. (MEDINA, 1997, p.121).

O segundo exemplo é mais atual foi a extração de ouro na Serra Pelada que é uma localidade brasileira, vila e distrito do município de Curionópolis, no sudeste do Pará. Esta extração iniciou-se no ano de 1980, e teve seu término em 1992. Cabe ressaltar que esta região no ano de 1983 alcançou uma produção estimada de mais de 17 toneladas de ouro, o recorde da Serra Pelada por ano. Em 1984 Serra Pelada chegou ao seu ápice em relação ao número de pessoas, com oitenta mil residentes, que a efeito de comparação, superavam os quase sessenta mil habitantes registrados no município de Marabá no censo de 1980. Porém, neste mesmo ano, a produção despenca para 3,9 toneladas e a cava atinge 200 metros de profundidade, impossibilitando a atividade manual.

É importante realçar estes fatos citados para que se possa comparar com o reinado de Salomão que se tornou o



terceiro rei de Israel, governando durante cerca de quarenta anos (segundo algumas cronologias bíblicas, de 966 a 926 a.C.), e que anualmente recebia esta quantia de ouro.

Com estes exemplos pode se perceber a dificuldade, tanto em peso de ouro como também da quantidade de mão de obra para se realizar tal extração para o Rei Salomão, tendo como observação que na obra de Maria Helena Guedes, *Os Hebreus!* É citada a população da região em torno de cento e dez mil pessoas, entre o século X até o VIII a.C, ou seja, trabalhariam nesta extração homens, mulheres, crianças. As incongruências do texto se iniciam em não dizer onde estavam localizadas estas minas. Conforme matéria publicada no **Jornal O Globo** de 27 de março de 2017, da jornalista Daniela Kresch temos: No ano de 2017, encontrou-se nas dunas do deserto de Neguev, no vale de Timna, ao sul de Israel, que é uma das áreas de mineração mais antigas do mundo, cobre, e é neste local que muitos consideram ser o local das misteriosas minas salomônicas de ouro, mas que não encontraram ouro até hoje só cobre.

Ou seja, o termo **até hoje** não se encontrou os lugares de mineração desta quantidade de ouro principalmente no Oriente Médio, com isto não se quer dizer que Salomão não recebia anualmente uma quantidade de ouro, e sim que esta quantidade citada não foi a real, mas se essa extração na quantidade citada não ocorreu a que o texto bíblico se refere quando cita 666 talentos?

Neste caso a referência bíblica nos remete a outro campo de significados, o simbólico, pois os números na bíblia têm um significado, e é por isso que ao se referir à distâncias, pesos e medidas deve se ter presente esta observação ao se fazer uma conversão para as medidas atuais. Desta forma o entendimento bíblico desta passagem passa pelo número 6 que é o número do homem, um número incompleto e não perfeito. O 7 nos fala de Deus e perfeição, algo que o número 6 não consegue atingir. Desta forma a simbologia utilizada faz referência a Salomão que mesmo sendo um grande Rei não era Deus.

“Numero seis: Algo incompleto, imperfeito (porque falta um para chegar ao perfeito número sete), Salomão tinha uma escada de seis degraus para chegar ao seu grande trono em 1 Rs 10,19, impedindo que ele ficasse elevado demais e livrando-o da idolatria.” **Concise Bible Dictionary**, (PERSONA, 2017, p.75).

Mas a complexidade não termina nesta citação, em outra se tem pela primeira vez a menção de uma moeda que é o Dárico, em 1 Cr 29,7: “Deram para o serviço da casa de Deus cinco mil talentos de ouro, dez mil dáricos, dez mil talentos de prata, dezoito mil talentos de bronze e cem mil talentos de ferro.”

Na Bíblia de Jerusalém, edição de 2002, temos uma referência que nos diz: “Dáricos moeda de Dário, a ficção do Cronista de reportar tudo à época de Davi se revela nessa especificação.” Ou seja, é um anacronismo, porque na época do Rei Davi século X a.C. não havia darius, nem mesmo a moeda que como



citado só surgiu no século VII a.C., desta forma como entender este valor?

Em outro texto ainda no Antigo Testamento, Neemias, temos uma situação que o desdobramento nos leva até o Novo testamento e Jesus, para tanto devemos nos ater ao desenvolvimento histórico. Nos livros que compõem o Antigo Testamento, o Pentateuco, o Dizimo percorre um longo caminho, mas passa sempre pelo entendimento feito em Deuteronômio 14, 22: “Todos os anos separarás o dizimo de todo o produto da tua sementeira que o campo produzir”.

Dízimo, como entender essa palavra no Antigo Testamento? Apesar de ser uma palavra utilizada ainda hoje dentro de várias denominações religiosas a definição correta é que o Dízimo significa a **décima parte de algo**, paga voluntariamente ou através de taxa ou imposto, normalmente para ajudar organizações religiosas judaicas e algumas denominações cristãs. Apesar de atualmente estar associada à religião, muitos reis na Antiguidade exigiam o dízimo de seus povos. Com esta observação pode-se retornar ao Pentateuco e encontrar referência ao dizimo a partir de Gn 4,3-4, passando por Abraão, em Gn14,20, e ainda temos outras referências em Nm12,44-45 e 18,25-26, 2Cr 31.

No livro Levítico 27,30-34, temos: “Todos os dízimos da terra, tanto dos produtos da terra como dos frutos das arvores, pertencem a Iahweh, ...Em todo dizimo de gado graúdo ou miúdo, a décima parte de tudo o que passa sobre o cajado do pastor é coisa consagrada a

Iahweh. ... Essas são as ordens que Iahweh deu a Moisés, no monte Sinai, para os israelitas.”

A ligação do Dizimo entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento

Como pôde se perceber o texto citado do Levítico esta colocado anteriormente ao do Êxodo na ordem dos livros do Pentateuco isto feito para que se possa entender a continuação do estudo que terá seu desdobramento no Novo Testamento.

Em Ex 30, 11-16 temos: “Iahweh falou a Moises, dizendo: Quando contares os israelitas pelo recenseamento, cada um pagará a Iahweh um resgate por sua pessoa, para que não haja entre eles nenhuma praga, quando os recenseares. Todo o que estiver submetido ao recenseamento dará meio siclo, na base do siclo do Santuário: vinte geras por siclo. Esse meio siclo é o tributo a Iahweh...”. Ou seja, cada israelita deveria pagar seis gramas de prata para o templo um tributo para o culto, ressalta-se aqui que nesta época ainda não havia moedas.

Após o cativo na Babilônia temos em Neemias um relato de quando os judeus retornaram do exílio no século V a.C (cativos de Nabucodonosor), devido às condições do povo Neemias reduziu de meio siclo para um terço de siclo de prata, como vemos em Ne 10,32-33, que seria para manutenção dos serviços do Templo e dos Levitas que trabalhavam ali.

Isto não impediu que um grupo de repatriados fizessem doações para



reconstruir o Templo, em Ne 7, 69-71, Temos: “Certo número de chefes de família fizeram doações para as obras, Sua Excelência depôs no cofre mil dracmas de ouro, cinquenta cálices e trinta túnicas sacerdotais”. Alguns chefes de família depuseram no cofre das obras. Vinte mil dracmas de ouro e duas mil duzentas minas de prata. As doações feitas pelo resto do povo atingiram o montante de vinte mil dracmas de ouro, duas mil minas de prata e sessenta e sete túnicas sacerdotais.

Para que se possam entender estes versículos é preciso definir quanto valia a mina: A mina equivalia a 60 siclos e, portanto, pesava cerca de 720 gramas. Como citado em Neemias 7,70-71; que os chefes de famílias deram para o tesouro da obra 20.000 dracmas de ouro (aproximadamente 144 quilos do referido metal) e 2.200 minas de prata (aproximadamente 1.254 quilos desse metal), quantia parecida oferecida pelo resto do povo.

A importância da referência em Ex 30, 11-16 se complementa com a de Ne 10,32-33, mas de acordo com a **Mishna Berakot** e o **Talmude Babilônico**, na época do segundo Templo a época em que viveu Jesus as taxas voltaram a ser de meio siclo por pessoa anualmente e deveria ser paga sempre no mês de março, sendo que nesta época era paga

em moedas. Isto está confirmado na passagem em Mt 17, 24-27, em que Jesus e Pedro deveriam pagar o tributo ao templo:

Quando chegaram a Cafarnaum, os coletores da didracma aproximaram-se de Pedro e lhes perguntaram: “vosso mestre não paga a didracma?” Pedro respondeu “Sim”. Ao entrar em casa, Jesus antecipou-se-lhe dizendo: “Que te parece, Simão? De quem recebem os reis da terra tributos ou impostos? Dos seus filhos ou de estranhos?” Como ele respondesse “Dos estranhos”, Jesus lhe disse: “Logo, os filhos estão isentos. Mas para que não os escandalizemos, vai ao mar e joga o anzol. O primeiro peixe que subir, segura-o e abre-lhe a boca. Achará aí um estáter. Pega-o e entrega-o a eles por mim e por ti.

Esse estáter valeria 4 denários o suficiente para pagar o tributo de Jesus e Pedro.

O talmude afirma ainda que o templo só aceitava moeda com alto teor de pureza, portanto as moedas que a mulher ofertou citada na passagem de Mc 12, 41-44: “Vindo uma pobre viúva, lançou duas moedinhas, isto é, um quadrante”. Estas moedas que temos citado neste evangelho como o óbolo da viúva, não seriam aceitas como dizimo ou tributo e sim somente como oferta porque eram de bronze e não de prata com alto teor de pureza.



Figura 5

Autoridade Emissora: Judeia, Jerusalém Jannaios (Yehonatan)

Denominação: Quadrante, ou conhecido como Óbolo da viúva, bronze, 18mm, 103-76 a.C.

Reverso: Estrela de oito raios rodeados por diadema; anverso: Âncora

(Fonte: JAFET Numismática, <https://jafetnumismatica.com.br>)

Mas qual seria a moeda que substituiu o siclo como pagamento ao templo do tributo devido? A moeda escolhida foi a mais apropriada para ser usada no templo que era a Shekel de prata cunhada em Tiro que tinha uma pureza superior a 94% de prata (Imagem 6), embora a moeda fosse conhecida como dracma de tiro, passou a ser conhecida como siclo do templo, e era a única moeda a ser aceita no recinto sagrado como pagamento para os tributos, desta forma os peregrinos de outras cidades que vinham às festas anuais no templo, (Shalosh Regalim, "As três peregrinações" é o nome dado aos três festivais judaicos, da Páscoa, Shavuot e Sucot), trazendo consigo as moedas que circulavam na época, teriam que ser trocadas caso não fosse o "siclo do templo" e as trocavam por estas, e foi

desses cambistas, ou seja, os que faziam o cambio para os peregrinos poderem pagar seus tributos ao templo, que Jesus entrando no templo virou suas mesas, Mt 21,12, Mc 11, 15-16. O siclo de Tiro pesava quatro dracmas atenienses, cerca de 14 gramas, mais do que os siclos israelenses anteriores, de 11 gramas, mas eram considerados os equivalentes a deveres religiosos na época. Como a cunhagem romana era de apenas 80% de prata, os siclos tírios mais puros (94% ou mais) eram obrigados no pagamento do imposto do templo em Jerusalém. Os cobradores de impostos citados nos Evangelhos do Novo Testamento (Mateus 21,12 e similares) trocavam siclos de Tiro pela moeda romana comum. A definição dessa moeda como a "aceita" para o pagamento do tributo ao templo, foi feita embora a região estivesse sob o



domínio dos romanos, pois as moedas romanas continham dizeres e imagens pagãs e idolatras que ofendiam os religiosos judeus, mas o que motivou esta escolha sendo que a dracma de Tiro também tinha dizeres e imagens que ofendiam a religiosidade judaica?

Domínio do Império Romano e suas moedas

Neste estudo não se pretende responder, mas analisar com as informações que chegaram até os dias de hoje, o porquê da escolha feita pelos sacerdotes do templo quanto qual moeda deveria ser a escolhida para se pagar o tributo do templo, temos como primeira opção a já citada, é que a dracma de tiro tinha uma pureza elevada de prata, mas o que dizer quanto as imagens que também eram pagãs nesta moeda, e é aqui que o entendimento deve passar por outras áreas das ciências como semiótica (símbolos), a utilização de nosso entendimento atual de propaganda, neste caso do Império Romano, e de Marketing pessoal em específico do Imperador em exercício, e ainda de antropologia e psicologia humana.

A fim de um melhor entendimento devemos retornar ao Império Romano e a tomada do Egito, onde historicamente temos: Egito romano é o nome utilizado para fazer referência ao período no qual a região do Egito esteve sob o controle do Império Romano e posteriormente de seu sucessor, o Império Romano do Oriente.

Neste período, a província do Egito (em latim: *Aegyptus*; transl. Aigyptos) passou por diversas

transformações. Essa província foi criada em 30 a.C. depois que Otaviano (o futuro imperador Augusto) derrotou Marco Antônio e depôs a amante dele, a rainha Cleópatra do trono do Egito e anexou suas terras, encerrando definitivamente reino ptolemaico do Egito. A província abrangia a maior parte do território do moderno estado do Egito, com exceção da península do Sinai, que seria conquistada por Trajano. A partir do reinado de Nero, o Egito passou por uma era de prosperidade que duraria um século.

A partir dos dados históricos como feitos no caso do Antigo Testamento irá se inserir a numismática, e esta inserção esta no início da tomada do Egito por Roma, quando os romanos cunham uma moeda em que tem em seu reverso *Aegypto Capta*.

Como todos bem sabemos, as moedas são importantes suportes de difusão de ideias e ideais, significativos espaços de expressão, de inscrição, mesmo que por meio de uma linguagem simbólica, de discursos políticos e mensagens cívicas, ainda que hoje isso não nos pareça tão evidente. Por possuírem uma relativa acessibilidade a públicos diferenciados na esfera social, elas acabaram se tornando, a partir do último século da República, instrumentos nas mãos dos generais aristocráticos em sua luta pelo poder das magistraturas republicanas. Esses generais aristocráticos se utilizavam desses objetos como forma de pagamento de seus exércitos, para além da divisão do butim ou do pagamento em terras, o que fez com que aumentasse a circulação dessas peças monetárias e criou o espaço do



anverso e do reverso como espaços discursivos. (SOUZA de GIACOMO,

2017, p.2).



Imagem 2: Moeda de Otaviano em homenagem a conquista do Egito (RIC 0545);
- denário de prata;
- cunhada entre 28 e 27 a.C.;
- *Anverso:* CAESAR COS VI – cabeça de Otaviano;
- *Reverso:* AEGYPTO CAPTA – crocodilo;

Figura 6
Moeda Aegypto Capta.

No caso da tomada do Egito pelos romanos, não há nenhum elemento que aluda ao fim do governo ptolomaico, à Cleópatra, ao próprio Marco Antônio ou a algum elemento político-religioso egípcio, mas uma simples representação de um crocodilo. Até porque a estrutura do antigo reino se mantivera em muitos pontos.

No que se refere à peça numismática selecionada, em homenagem a conquista do Egito, observamos que, ela se trata de um instrumento de poder. A leitura das imagens e das legendas é de fácil acesso a todos. No anverso temos Otaviano representado como CAESAR DIVI F[ilius] e seu título de cônsul, COS VI, ocupado pela sexta vez no ano de 28 a.C. Sua efigie é semelhante as demais

representações nesse período, um jovem sem adereços. Quanto ao reverso, temos os dizeres AEGYPTO CAPTA, ou seja, o Egito capturado, e um crocodilo, símbolo comumente atribuído a esse reino, visto o rio Nilo ser um dos habitats desse animal, não comum em outras regiões mediterrânicas. Simbolicamente falando, o reverso também é de simples compreensão, pois representa ao povo romano a conquista do Egito e sua consequente anexação às possessões 'do Senado e do povo romano'. Cabe ressaltar a importância política de tal conquista. ... Contudo, a forma escolhida para a representação da anexação do Egito às posses romanas não foi feita de um modo que pudesse, diretamente, remeter aos derrotados. Ora, o rico reino do Egito já havia sido palco de grandes reclamações e agitações contra os



Ptolomaicos, como aconteceu, para se ter um exemplo mais próximo do nosso momento cronológico, com Ptolomeu Aulete, pai de Cleópatra, que tivera que fugir do Egito, em 58 a.C., e pedir ajudar aos romanos. Otaviano tinha que procurar mostrar de forma mais simples a dominação do Egito, pois mostrar que eles eram derrotados e inferiores poderia causar um grande descontentamento e prejudicar a efetivação da conquista. (SOUZA de GIACOMO, 2017, p.2).

No texto apresentado o autor não entrou em detalhes quanto ao crocodilo da imagem no reverso da moeda, é sabido da diversidade de deuses que os egípcios adoravam alguns mais que outros, e dependia também da região da qual procediam às lendas, desta forma iremos aprofundar um pouco mais sobre a imagem do crocodilo:

A mesma ideia ocorria com o animal que era associado ao deus. Assim era com Sobek, o deus crocodilo, adorado principalmente nos templos do Fayum e de Kom-Ombo. Esta divindade era relacionada à violência, sexualidade e instabilidade da personalidade, portanto, propenso aos desejos mais primordiais. O seu nome, Sbk, apesar da grande discussão no meio acadêmico para seu significado, acredita-se estar relacionado ao verbo “Impregnar” devido à fertilidade do animal. No Reino Antigo, Sobek era chamado, em textos religiosos, de “O Raivoso”, posteriormente, durante o Reino Médio, foi associado ao poder faraônico por conta de sua habilidade em agarrar sua presa subitamente e destruí-la de forma única. Como veremos no próximo parágrafo, esta é uma condição natural do animal que, pela interpretação dos antigos egípcios,

se comparava ao faraó arrebatando e destruindo seus inimigos da mesma forma. (DUBIELA, 2005)

Como exemplificado no estudo citado, o deus Sobek estava relacionado à violência, sexualidade e instabilidade, seriam estas as qualificações dadas pelos romanos a Cleópatra, ou ainda, os romanos a associaram ao Reino Médio em que esse deus foi associado ao poder faraônico por conta de sua habilidade em agarrar suas presas e destruí-las de forma única, como o fez Otavio com Marco Antonio e Cleópatra.

É importante enfatizar a influência da Antropologia Cultural no estudo do relacionamento entre o dominador e o dominado de tal forma que se possa definir a onde começa a dominação efetiva, ou seja, se é cultural, social, ou simplesmente devido a pagamento de taxas ou tributos:

[...] a ação de pensar, colonizar, controlar terras, que não são as suas, são distantes, habitadas e pertencentes a outros povos. É a prática, a teoria e as atitudes de um centro metropolitano dominante, governando um território distante. Pode ser alcançado pela força, pela colaboração política, por dependência econômica, social e cultural. É a criação de uma dinâmica específica da dependência, que sobrevive em determinadas práticas econômicas, políticas, sociais e ideológicas, ou seja, em uma esfera cultural geral. Concluímos, pois, que o imperialismo é um processo da cultura metropolitana, entendida como um conjunto de códigos de identificação, referência e distinção geográfica, controle, autoridade, dependência,



vantagem e desvantagem, cuja função é a de sustentar, elaborar e consolidar a prática imperial. (SAID, 1995, p. 38).

Podemos citar ainda que:

Para o estudo de grupos subalternos, convém considerar, ainda, a tendência atual da história política de rejeitar a ideia de oposição rígida entre dominadores e dominados, incorporando as ideias de pacto, negociação e cultura política para a análise de suas relações sociais. Trata-se, na verdade, de uma leitura antropológica das relações de poder, no sentido de buscar significados distintos para acordos e estratégias comuns entre grupos cultural, social e etnicamente diversos. (ALMEIDA, CARDOSO, VAINFAS, 2012, p. 151-168).

Se esta moeda cunhada pelos romanos como apresentado tinha um cuidado em não “ofender” os egípcios por ser uma província, que viria a ser a região de onde os romanos tirariam muitas riquezas, entre elas a do plantio de trigo da qual Roma passou a ser dependente, de forma tal que o Egito passou a ser o celeiro de Roma.

Com relação à Judeia, a tomada e ocupação por parte dos romanos foi diferente? Devemos neste ponto retornar um pouco na história até a tomada desta região pelos gregos e posteriormente o surgimento dos macabeus, e também retornar aos filósofos estudados como Ortega que diz: “O homem não pode se colocar no lugar de espectador da própria vida. Ao contrário, o protagonista do drama não está fora dele nem antes dele: ele é a representação do drama”, ou ainda em Ellacuría: “A verdade da realidade não

é o que já feito; isso é apenas parte da realidade. Se não nos voltarmos para o que está sendo feito e o que deve ser feito, a verdade da realidade nos escapa ...”, e por fim Zubiri: A história está como diz Zubiri, montada sobre o conceito de “possibilidade”. A história é uma atualização de possibilidades. A história refere-se à forma de realidade como princípio de possibilidades de realização do homem. Recai, portanto, sobre “sucessos”, pois, para Zubiri, sucesso é a “atualização de possibilidades”.

Com essas citações dos filósofos espanhóis o texto a seguir como citado no primeiro e segundo livros dos macabeus, explicam-se por si. Pois com a proibição em 167 a.C. da prática do judaísmo pelo decreto de Antíoco IV e com a introdução do culto do Zeus Olímpico no Templo de Jerusalém, muitos judeus que decidem resistir a esta assimilação acabam sendo perseguidos e mortos. Conforme diz o texto 1 Macabeus 1,56-64.

Os macabeus (do hebraico מַכַּבִּים ou מַקַּבִּים, *makabim* ou *maqabim*, "martelos"; em grego: Μακκαβαῖοι, ou [makav'eî]) foram os integrantes de um exército rebelde judeu que assumiu o controle de partes da Terra de Israel, até então um Estado-cliente do Império Selêucida. Os macabeus fundaram a dinastia dos Hasmoneus, que governou de 164 a 37 a.C., reimpuseram a religião judaica, expandiram as fronteiras de Israel e reduziram no país a influência da cultura helenística.



Seu membro mais conhecido foi Judas Macabeu, assim apelidado devido à sua força e determinação. Os macabeus durante anos lideraram o movimento que levou à independência da Judeia, e que reconseguiu o Templo de Jerusalém, que havia sido profanado pelos gregos. Após a independência, os hasmoneus deram origem à linhagem real que governou Israel até sua subjugação pelo domínio romano em 37 a.C..

Mas este domínio romano não ocorreu por guerras ou tomada da posse de territórios, mas por estratégia dos romanos. O declínio hasmoneu e a sua posterior subjugação aos romanos ocorreu devido a alguns acontecimentos: A relativa independência dos judeus termina com a ascensão de Aristóbulo II ao trono. Seu irmão, João Hircano II, que inicia uma guerra civil que termina com a intervenção do general romano Pompeu no ano de 63 a.C., sob o pretexto de pacificar a região. Pompeu coloca Hircano II como sumo sacerdote, entretanto lhe retira o título real e transforma a Judeia em um reino cliente subordinado a um procurador romano. No ano de 37 a.C., Marco Antonio executa Antígono e entrega o trono da Judeia a Herodes, o Grande, um príncipe idumeu filho do procurador romano, Antipater.

Entretanto, os judeus não aceitavam mudanças estruturais em sua sociedade que era umbilicalmente ligada à religiosidade, no caso do povo judeu não podemos dizer que era uma teocracia como a conhecemos, pois ela era

diferente dos povos da região de sua época, como por exemplo, o Egito, onde o faraó encarnava deus e tinha o poder, o mais celebre foi Akenaton. No caso dos hebreus, a concepção de teocracia era tomada por outras características. Sendo um povo com a cultura monoteísta, não admitiam que seus líderes políticos galgassem alguma condição de natureza divina, como citado no caso de Salomão.

Nesse sentido, tais líderes tinham a importante função de intermediar sua relação com Iahweh, nome dado ao seu único Deus. No Antigo Testamento, existem vários relatos onde os dirigentes políticos hebreus justificavam suas ações pela orientação diretamente fornecida por Iahweh.

Embora nesse aspecto os romanos fossem mais flexíveis e toleravam a religiosidade do povo, esse não aceitou esta tomada de poder pelos romanos, e isto ficou evidente nos acontecimentos que geraram a destruição do Jerusalém e do templo, no ano de 70 e posteriormente Massada no ano de 73, resultado de anos de intolerância de ambas as partes, pois esta era uma província problemática para Roma, e não trazia muitos benefícios, assim após a vitória em Jerusalém outra moeda foi cunhada desta vez a série *Capta Judaea* (Judeia capturada ou cativa) com nove moedas na série, devido o tema ser o mesmo e a fim de exemplificar o significado iconográfico serão representados somente três moedas desta série. (Cf. CHEVITARESE, FARIA NETO, 2017, p.6-10).



- 1) Autoridade Emissora:** Império Romano.
Série Judaea capta.
- 2) Datação:** 69 – 79 EC (Imperador Vespasiano).
Batida em 71 EC.
- 3) Denominação:** Æ 26,30g., sertoncio de bronze
- 4) Anverso:** legenda de anverso em latim: IMP. CAESAR VESPASIAN AVG. P. M. TR. P. P. P. COS. III
Busto laureado de Vespasiano, à direita.
- 4) Anverso:** legenda de anverso em latim: IMP. CAESAR VESPASIANVS AVG. P. M. TR. P. P. P. COS. III
Busto laureado de Vespasiano, à direita. Com borda de pontos.
- 5) Reverso:** legenda de reverso em latim: IVDAEA CAPTA S C
Palmeira no centro; à esquerda, um judeu de pé com as mãos amarradas para trás e atrás de si, um escudo; à direita, uma judia sentada ao lado de um escudo, chorando.
Com borda de pontos.
- 6) Referências:** RIC #424; Hendin #773, Cohen #234.

Figura 7

Série de moeda Judaea Capta.

(Fonte: <http://www.revistajesushistorico.ifcs.ufrj.br>)

As imagens monetárias inserem-se dentro de códigos culturais. A representatividade gráfica ocorre em contextos em que a sociedade, ao qual a moeda é circulante, entende o seu significado, pois foi estabelecido padrões e convenções sociais para a

leitura e entendimento. Não são quaisquer imagens, elas são frutos de cenários específicos e levando-se em conta aqueles que irão vê-la. (FARIA NETO, 2015, p.2).



5)Reverso: legenda de reverso em latim: IVDAEA CAPTA S. C.
Palmeira no centro; à esquerda, uma judia sentada ao lado de um escudo, chorando. Ao lado direito um romano e próximo a sua perna esquerda um escudo.
Com borda de pontos.

6) Referências: RIC II#426; BMC #426, Cohen #238.



1) Autoridade Emissora: Império Romano
Série *Judaea capta*.

2) Datação: 69 – 79 EC (Imperador Vespasiano).
Batida em 71 EC.

3) Denominação: 17mm., 2,88g., denário de prata.

4)Anverso: legenda de anverso em latim: IMP. CAESAR VESPASIANVS AVG. TR. P.
Busto laureado de Vespasiano, à direita.

5)Reverso: legenda de reverso em latim: IVDAEA DEFEATED
Judeu no centro da moeda, virado à direita com as mãos amarradas para frente, na altura da cintura e atrás dele uma palmeira.

6) Referências: RIC #1120; Hendin #770.

Figura 8



É importante realçar a observação anterior, pois a figura do crocodilo na moeda Aegypto Capta, passa a ser entendida dentro do contexto social em que ela é veiculada, no caso da Palmeira no reverso da moeda Judaea Capta, temos: Palmeira (tamareira, *Phoenix dactylifera*) podendo ser representada como ramo de palmeira, feixe de ramos ou representação da própria árvore. Penetrou na região com seu significado helenístico, como símbolo de vitória. A deusa Nike segura um ramo de palmeira em suas mãos. Também há possibilidade de uma interpretação simbólica monetária judaica ligada a fertilidade (Cf. PORTO, 2013).

No caso da mulher acorrentada e chorando não significa simplesmente uma mulher judia do povo, e sim o próprio povo da Judeia.

Tal análise, como a empreende Eco, leva-o a afirmar que representar iconicamente um objeto significa transcrever, através de artifícios gráficos, as propriedades culturais - convenções sociais, portanto - que lhe são atribuídas. Uma cultura, ao definir seus objetos visuais, remete a códigos de reconhecimento que indicam traços pertinentes caracterizadores do conteúdo. Um código de representação icônica estabelece quais os artifícios gráficos correspondentes aos traços do conteúdo, ou, com maior exatidão, aos elementos considerados pertinentes, os quais são fixados (selecionados) pelos códigos de reconhecimento. Existem, portanto, blocos de unidades expressivas que remetem, não ao que se vê, mas sim ao que se sabe, ao que se aprendeu a ver. Um esquema gráfico reproduz as

propriedades relacionais de um esquema mental. Os traços pertinentes do conteúdo fixados pelo código são de ordem óptica (codificação de experiências anteriores de percepção), ontológica (propriedades perceptíveis culturalmente selecionadas) e puramente convencional (convenções iconográficas difundidas). (CARDOSO, C.F., 1997 p. 211)

Partindo-se da apreensão da realidade através dos sentidos. Nesse caso da visão como se sentiriam as pessoas pós-guerra, e mesmo hoje tendo em mãos essas moedas.

A percepção imagética aciona gatilhos mentais, que nos remetem a múltiplas cenas; fazem-nos recordar de sons, cheiros, momentos de tristeza e esperança. A moeda (Capta Judaea), em ser anverso possui o busto de Vespasiano, já no reverso há uma judia sentada ao chão sendo submetida por um militar romano. Aos sobreviventes do confronto entre romanos e judeus que veem esse tipo monetário, as recordações devem ser as mais pavorosas. A imagem reconstrói a experiência e traz à memória as cenas daqueles que a presenciaram. Mesmo para quem nasceu, uma ou duas gerações após a revolta (66-73 EC) e ainda está dentro de um processo de dominação romano, ao ver a Judeia representada por uma judia sendo submetida por um soldado romano, seu sentimento dê certo foi de dor e sofrimento. A leitura imagética possui um primado pedagógico por excelência, pois a imagem faz uma construção histórica e para compreendê-la não precisa saber de seu idioma. Compreendê-la é analisar a composição imagética dentro de seu cenário histórico e cultural.



(CHEVITARESE, FARIA NETO, 2017, p. 12).

Como citado a Tamareira (palmeira) conhecida como “árvore da vida”, naturalmente serviu como símbolo em várias moedas ao longo da história Judaica. No quarto ano da revolta contra Roma (entre 69 - 70 d.C), foi emitida em Jerusalém a moeda de meio shekel, no anverso tem-se a tamareira com duas cestas de tâmaras aos seus pés, e no reverso uma variação do desenho das quatro espécies de Sukot. A inscrição do lado da tamareira pode ser melhor

identificada nesta moeda abaixo. “Pela redenção de Sião” (legeulat tzion = ציון לגאולת) é o que a liderança judaica desejava, já sabendo que não poderiam resistir à conquista romana.

Vivendo em uma realidade histórica favorável em 1995 o Estado de Israel reutilizou a imagem da Tamareira e a estampou na moeda de 10 shaqualin novos, dessa forma a tamareira volta com seu significado, e a inscrição diz em hebraico moderno e antigo (para todos entenderem), Pela Redenção de Sião!



Figura 9

Autoridade Emissora: Jerusalém

Denominação: 1/2 Shekel

Datação: 69 – 70 d.C

Reverso: Quatro espécies de Sukot

Anverso: Tamareira com duas cestas de tamaras

(Fonte: Banknotes and Coins Catalog. The Bank of Israel)



Figura 10

Autoridade Emissora: Estado de Israel

Denominação: 10 Shaqalim novos, 2,2 mm., 7 gr. Datação: 1995

Anverso: Tamareira com duas cestas de tamaras

Reverso; Valor, data, Israel, em Hebreu, Inglês e Árabe.

(Fonte: Banknotes and Coins Catalog. The Bank of Israel)

Então seria este o motivo da escolha da moeda dracma de Tiro como moeda do templo? Certamente não, pois essas revoltas e a cunhagem dessas moedas *Judaea Capta* foram posterior ao tempo de Jesus, e a escolha da moeda do templo foi anterior a esta época. Mas uma vez percorrido o caminho da historicidade do relacionamento de Roma e a Judeia, deve-se percorrer este mesmo caminho em direção à Tiro, que era um importante centro portuário dos Fenícios e que hoje pertence ao território do Líbano.

No início foi dito que os judeus rejeitavam as moedas romanas por terem imagens pagãs, e quanto a moeda de Tiro que tinha a imagem de Melqart Heracles, um misto de monarca e deidade pagã. Heracles é o mesmo Hercules filho de Zeus na mitologia grega. Devemos lembrar ainda que Tiro foi inimigo dos judeus citado no Antigo Testamento, pois

os mesmos se uniram aos babilônios e caçou da derrota de Judá para o rei Nabucodonosor, tal atitude lhe rendeu uma maldição profética no ano de 587 a.C., proferida pelo profeta Ezequiel: Ez 26,1-5:

No undécimo ano, no primeiro dia do mês, a palavra de Iahweh me foi dirigida nestes termos: Filho do homem, visto que Tiro disse sobre Jerusalém; Viva! A porta dos povos está quebrada; ela voltou-se para mim, sua riqueza esta destruída. Pois bem! Assim diz o Senhor Iahweh: Eu me porei contra ti, ó Tiro, levantarei contra ti muitas nações como o mar levanta as suas ondas, elas destruirão os muros de Tiro, arrasarão suas torres. Varrerei sua poeira e a reduzirei a uma rocha descalvada. Ela será um enxugadouro de redes no meio do mar, porque eu disse oráculo do Senhor Iahweh. Ela será saqueada pelas nações. (Ez 26,1-5).



Quanto a essa parte da profecia, foi exatamente o que aconteceu, pois Nabucodonosor investiu contra a cidade que o acolheu, e posteriormente veio Alexandre o Grande também invadindo o lugar, e construindo no meio do mar um istmo ou aterro, ampliado com pedras da antiga cidade de Tiro, literalmente as pedras da cidade foram lançadas ao mar, e este lugar é hoje uma vila de pescadores libaneses que secam suas redes nestas pedras, ou seja, como na profecia enxugadouro de redes. Portanto a reflexão a ser feita é como a única unidade monetária aceita no templo de Jerusalém no tempo de Jesus Cristo, veio de uma região pagã, com imagens pagãs, inimiga de Deus e visitada pela ira divina como citado em Ezequiel 28? Seria, portanto somente pelo seu peso em prata?

É importante citar que o shekel de prata tirreno foi produzido pela primeira vez em 125 a.C e o último ano de produção foi em 66 d.C quando a primeira guerra judaica estourou e os romanos destruíram o templo, outro ponto a ser destacado é que quando Herodes concluiu seu novo templo em Jerusalém, em 18 a.C, ele transferiu a cunhagem dessa moeda oficial do templo da cidade de Tiro para Jerusalém.

Como não foram encontradas moedas de prata reconhecidamente cunhadas por Herodes, os numismatas se desesperaram em sua busca e se acostumaram à ideia de que a grandeza de Herodes não encontrou expressão em moedas em particular. Nos estudos numismáticos realizados recentemente,

parece que se obteve a resposta para a questão das moedas de prata de Herodes de uma fonte inesperada: os "shekels tiranos" ou "Tyrian Maneh" (Meshorer, p71, 2001).

Os Shekels tiranos são moedas com o monograma "KAP" (Kratos Romaion: poder dos romanos) que aparece em todos os shekels após 18/19 a.C é a marca oficial da moeda de Herodes cunhada em Jerusalém.

Uma pergunta frequente é por que os judeus se sentiam à vontade usando a cunhagem do Shekkel de tiro que representavam a imagem esculpida de um deus pagão para fazer seu pagamento anual ao templo. A razão para isso é, como deixa claro a **Mishnah**, que dinheiro válido não está sujeito à impureza, e só é suscetível à impureza quando usado para outros fins, como jóias ou peso (KELTM 12,7).

“Como uma moeda viável não pode ser contaminada, a única relevância é seu valor e pureza, não seu design.” (Hendin, 2010, p.477).

Do Antigo ao Novo Testamento sob a ótica da práxis de realidade Zubiriana

Do Antigo ao Novo Testamento, ou ainda do Primeiro ao Segundo Testamento ou qualquer outra diferenciação que dermos para antes e depois de Jesus Cristo recai na diferença entre a práxis de realidade religiosa até então praticadas pelos judeus e as que Jesus vive e ensina. No caso desse estudo Jesus utiliza-se dos valores monetários, a



moeda e em particular o denário muito utilizado em sua época para parênese,¹ utilização essa que está exemplificada na parábola do “Bom Samaritano”, que é registrada unicamente em Lc 10,25-37: O significado dessa parábola fala sobre a prática do amor e o cuidado ao próximo. Na parábola Jesus fala sobre um homem que descia de Jerusalém a Jericó. No caminho ele acabou caindo nas mãos de bandidos (Cf. Tradução de A Bíblia, Novo Testamento das Paulinas), ou ladrões. Os ladrões roubaram tudo o que o homem tinha, e ainda lhe feriram muito. Então o homem ficou abandonado e gravemente ferido, caído na estrada.

Depois disso descia pelo mesmo caminho um sacerdote. Quando o sacerdote viu o homem ferido, logo passou direto pelo lado oposto. Da mesma forma um levita também descia pelo mesmo lugar, e também passou longe do homem ferido. Mas em seguida descia por ali também um samaritano. Ao ver o homem ferido, o samaritano se compadeceu dele. O samaritano tratou dos ferimentos daquele homem com óleo e vinho. Depois ele colocou-lhe sobre seu próprio animal e levou-o para uma hospedaria a fim de cuidar dele. No dia seguinte, antes de partir, o samaritano deu **dois denários** ao dono da hospedaria para que ele continuasse cuidando do homem ferido. O

samaritano ainda disse que se houvesse qualquer outro gasto, o dono da hospedaria deveria colocar em sua conta que ele acertaria quando voltasse.

Quanto ao significado dessa Parábola fica claro diante da pergunta que precede a narrativa de Jesus: “Quem é o meu próximo?” (Lc 10,29). Na Parábola Jesus responde que o próximo é todo aquele que necessita de amparo, independentemente de quem seja, talvez, pode ser até que esse próximo seja um inimigo, como no caso do samaritano e o judeu.

Seria obvio esta ilação quanto ao procedimento de Jesus, mas podemos ir mais além, Jesus deixa claro que a apreensão da verdade da realidade feita pelo samaritano é transformadora, como disse Ellacuría: “A verdade da realidade não é o que já feito; isso é apenas parte da realidade. Se não nos voltarmos para o que está sendo feito e o que deve ser feito, a verdade da realidade nos escapa”, (ELLACURÍA,1990, p.48) dessa forma Jesus transcende à nossa inteligência da apreensão de realidade, ou seja, não sai fora do apreendido vai além do fato cotidiano, fazendo com que esse fato se torne transformador da nossa própria realidade.

Jesus contou essa parábola a qual denominamos de o “Bom Samaritano” ao ser questionado por um homem que era especialista (legista ou doutor), da Lei. Isso significa que aquele homem era um estudioso das Escrituras do Antigo Testamento. Primeiro o doutor da Lei perguntou a Jesus acerca do que ele deveria fazer para herdar a vida eterna.

¹Exortação, Discurso moral. "parênese", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, <https://dicionario.priberam.org/par%C3%A9nese>. Acesso em 02-02-2020.



Lucas deixa claro que ele não fez essa pergunta por ignorância, mas porque ele queria testar Jesus.

Jesus reagiu à pergunta do estudioso com outra pergunta: “O que está escrito na Lei?” (Lc 10,26). Com isso Jesus indicou que Ele não estava ensinando uma nova doutrina, na verdade Ele estava apontando para os princípios básicos da Lei de Deus. O doutor da Lei respondeu a pergunta de Jesus recorrendo a Deuterônimo 6,5 e Levítico 19,18, resumindo o mandamento divino da seguinte forma: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda tua alma de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lc 10,27).

Então Jesus disse ao doutor da Lei que ele havia respondido corretamente. Bastava então fazer isto e ele obteria a vida eterna. A resposta de Jesus se harmoniza com o ensino bíblico de que a Lei é santa, e que a obediência perfeita a ela resulta a vida eterna (cf. Romanos 7,12; Gálatas 3,12).

O doutor da lei, ao invés de reconhecer sua condição de incapacidade diante da Lei de Deus e clamar por misericórdia por não ser capaz de cumpri-la com perfeição, tentou se justificar. Para tanto, ele fez mais uma pergunta: “Quem é o meu próximo?” (Lc 10,29), com essa pergunta o doutor da Lei basicamente estava afirmando que se ele não cumpria a Lei com perfeição, era porque ela não lhe parecia tão clara; especialmente com relação ao amor devido ao próximo. Foi nesse momento

que Jesus introduziu a Parábola do Bom Samaritano.

Mas também é fácil perceber que na parábola citada Jesus posiciona essa pergunta em sua forma correta. O ponto principal não é se perguntar “Quem é o meu próximo?”. A pergunta correta deve ser: “Eu estou sendo um bom próximo para os necessitados ao meu redor?”. Jesus termina a Parábola do Bom Samaritano perguntando ao doutor da Lei quem provou ser o próximo do homem ferido. O estudioso teve de dizer que foi o homem que teve piedade dele, isto é, o “bom” samaritano. Então Jesus concluiu: “Vá e continue fazendo o mesmo” (Lc 10,37).

Aqui devemos retornar a primeira pergunta do estudioso foi acerca de como ele poderia herdar a vida eterna. Então com essa Parábola, Jesus indica que guardar a Lei do Senhor, cujo princípio básico é o amor a Deus seguido pelo amor ao próximo, é um comportamento que caracteriza àqueles que são herdeiros da vida eterna.

Jesus não ensina que as boas obras e o cumprimento da Lei levam à salvação. O que Ele ensina é que aqueles que são salvos realizam boas obras, e, como regra de gratidão, guardam os mandamentos do Senhor (cf. Ef 2,10). Nesse sentido o significado da Parábola do Bom Samaritano pode ser resumido no conselho de Tiago: “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra, e não apenas ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1,22).

Mas e quanto a citação de Jesus Lc 10,34-35, sobre a ação do Samaritano:



“Levou o homem a uma pousada e cuidou dele, no dia seguinte pegou dois denários, deu-os ao dono da pousada e disse: Cuida dele, e o que gastares a mais, quando eu regressar te pagarei.”

Para que se possa ter o valor aproximado do que seriam estes **dois denários**, pode-se partir do que se tem de informação no próprio Novo Testamento, sabemos que o significado de denário, do latim *denarius*, e do grego *denarion*, tem origem no seu valor, pois inicialmente o denário equivalia a dez asses de cobre (outra moeda romana). **Daí vem o nome denário, que significa algo como “dez por vez” ou “que contém dez”**, em Mt 14, 13-21, Mc 6, 31-44, Lc 9,10-17 e em Jo 6, 5-15, na passagem conhecida como milagre dos cinco pães e dois peixes, em Mc e Jo, temos novamente a citação do denário, 200 denários para comprar pão, e que não seriam o bastante para que cada um recebesse apenas um pouco, pois seriam cinco mil homens, desta forma ainda não se tem uma informação precisa do valor dessa moeda, mas é Jesus que cita na parábola dos trabalhadores na vinha, Mt 20,1-16: Do proprietário que o **pagamento diário era de um denário**, independente do horário que os chamou para o trabalho. Jesus afirma que qualquer trabalhador que aceita o convite para o trabalho na vinha (dito por Jesus para representar o Reino dos Céus), não importa o quão tarde do dia, receberá uma recompensa igual com aqueles que foram fiéis por mais tempo.

Outro ponto importante é a resposta do proprietário aos trabalhadores

contratados na parte da manhã e que pensaram que iriam receber mais, a resposta esta Mt 20,15: “Não tenho o direito de dispor de meus bens como eu quiser? Ou vês com maus olhos que eu seja bom?”

É importante notar que o capítulo anterior (Mt 19,16-22), praticamente prepara o contexto para que Jesus aplique essa parábola do capítulo 20. Nele, um jovem rico pergunta a Jesus sobre o que ele precisaria fazer para conseguir a vida eterna. Após a resposta de Jesus, Mt 19,21: “Jesus lhe respondeu: “Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus, depois vem e segue-me”, o jovem acaba não acatando o conselho e vai embora.”

Simão Pedro, quando viu que aquele jovem não foi capaz de abandonar tudo o que tinha, pergunta a Jesus o que eles, que tinham deixado tudo o que possuíam, receberiam no final das contas. Então Jesus respondeu deixando claro que a recompensa não pode ser medida por nada material, ao contrário, a recompensa se daria pela redenção, fazendo com que homens pecadores agora tivessem acesso ao Reino dos céus.

Jesus não criticou a riqueza do jovem e ou à família dos apóstolos, no pedido que fez a ambos que os abandona-se, no questionamento em particular do jovem, Jesus utiliza-se mais uma vez da parênese, ou seja, o Reino dos céus não é somente para os pobres, não importa a riqueza de cada um e sim o que esta pessoa faz com a mesma, devemos aqui esclarecer que Jesus Cristo não disse que os ricos não entrarão no Reino de Deus, Mt19,21, “...



Jesus lhe respondeu: “Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens e dá aos pobres...” A palavra perfeito denota integridade, maturidade, mais que ausência de defeitos morais, Jesus também exige isso de seus discípulos (Mt 5,20-48). A libertação da preocupação material não é em si mesma, o segredo da vida eterna, mas sim a introdução em um novo tipo de vida como discípulo de Jesus. São Paulo escreve:

Ordena aos ricos do tempo presente que não sejam orgulhosos, nem ponham esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que nos concede tudo ricamente para o deleite: que façam o bem enriqueçam-se em boas obras, sejam generosos, dados a partilha; que entesourem para si mesmos um bom alicerce para o futuro, para que possam alcançar a verdadeira vida. (1 Tm 6,17).

E para completar temos como **Comentário ao Evangelho de São Mateus VV. 23-26, feito por São João Crisóstomo**: “O Senhor não disse estas palavras para condenar as riquezas, e sim aqueles que são escravos delas...”, (Crisóstomo, p.166), nesta mesma linha de pensamento temos São Tomás de Aquino na **Suma Teológica, Tomo III**, “Não está escrito é difícil a uma pessoa que possua riqueza entrar no reino do céu, e sim rico, porque rico é aquele que coloca seu coração e seu apego às coisas materiais, enquanto uma pessoa pode possuir riquezas e não colocar ali toda a sua esperança”.

Por outro lado devemos entender que não é o pobre o meio de salvação e sim Jesus Cristo, e esta é uma das críticas feitas à Teologia da Libertação, ou seja, não podemos fazer um discurso de Deus que não passe por Jesus, não podemos utilizar a opção preferencial pelos pobres como chave hermenêutica de leitura da Teologia da Libertação, pobre como referência salvífica, pois em um primeiro momento a referência explícita é Jesus. Porque a revelação tem plenitude em Jesus atualizada (referência a Zubiri), pelo Espírito Santo, é um processo que se desenvolve ao longo da história, portanto o encontro do ser humano com Deus é na história, mesmo porque não existe humano fora história, com os seus limites históricos.

Quanto à figura do Samaritano Jesus a utiliza-a novamente em outra citação, agora na fonte de Jacó com a Samaritana em Jo 4,5-42: Chegando ao poço de Jacó, mas uma mina de água corrente no fundo, Jesus cansado da viagem, sentou-se junto a fonte para descansar. Nesse momento chega ao poço uma mulher dos Samaritanos, Sicar, para tirar água e Jesus lhe pede de beber. Ela estranha que um homem judeu peça de beber a uma mulher samaritana, pois judeus e samaritanos evitavam se relacionar. Com esse seu gesto Jesus rompe duas barreiras: a religiosa e a social. Isto nos lembra do apóstolo Paulo, em Gl 3,28: “Não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher”.

Verifica-se assim que Jesus não rompe com as leis judaicas e nem mesmo é perseguido por suas respostas a seus



interlocutores, Jesus rompe barreiras, porque quer religar os homens, de diferentes religiosidades, sociais, políticas ou ainda raciais, e esta religação passa pela religação desse homem com Deus, vejamos, pois em Zubiri quando o mesmo cita a via da religação:

Toda minha realidade (e não só o sentimento ou a vontade ou a inteligência por separado) está envolta por esse poder do real presente em cada coisa. Daí que a religação não seja algo humano como contradistinto do cósmico, senão que é o acontecer da realidade no homem e do homem na realidade. É a manifestação do poder da realidade como ultimidade, possibilitação e impelência. Deus seria justamente o fundamento desse poder, um fundamento, por conseguinte, último, possibilitante e impelente, uma realidade suprema absolutamente absoluta. Como já visto, o homem é, para Zubiri, uma realidade pessoal “cuja vida consiste em fazer física e realmente seu Eu [...] apoiada no poder do real. Só e por este apoio pode a pessoa viver e ser: é o fenômeno da religação”. (TOMÉ, 2007, p. 42).

Mas não é somente essas passagens citadas do Novo Testamento que nos coloca Jesus em evidência, em outra passagem já citada em Mt 17, 24-27, em que Jesus e Pedro deveriam pagar o tributo ao templo:

... Ao entrar em casa, Jesus antecipou-se-lhe dizendo: “Que te parece, Simão? De quem recebem os reis da terra tributos ou impostos? Dos seus filhos ou de estranhos?” Como ele respondesse “Dos estranhos”, Jesus lhe disse: “Logo, os filhos estão

isentos. Mas para que não os escandalizemos, vai ao mar e joga o anzol. O primeiro peixe que subir, segura-o e abre-lhe a boca. Achará aí um estáter. Pega-o e entrega-o a eles por mim e por ti.

Neste caso Jesus não gera atritos com a casta sacerdotal por não pagar o tributo do templo, novamente em outra passagem Jesus assume a mesma postura, em Jo 18,10 temos: “Então Simão Pedro, que trazia uma espada, tiro-a, feriu o servo do Sumo Sacerdote, a quem decepou a orelha direita. O nome do servo era Malco. Jesus disse a Pedro: “Embainha a tua espada. Deixarei eu de beber o cálice que o Pai me deu”.”

O primeiro aspecto nessa passagem a ser analisado é a da perspectiva do servo Malco: O servo de um sumo sacerdote poderia substituí-lo quando necessário. Para isso ele era sabatinado pelo sinédrio, e para que este servo um dia viesse a substituir o Sumo Sacerdote ele precisava preencher os requisitos exigidos pela lei: Entre esses requisitos estava o da perfeição no corpo. No livro Levítico 21,17: *Fala a Arão, dizendo: Ninguém da tua descendência, nas suas gerações, em que houver algum defeito, se chegará a oferecer o pão do seu Deus.*

Levítico 21,21: *Nenhum homem da descendência de Arão, o sacerdote, em quem houver alguma deformidade, se chegará para oferecer as ofertas queimadas do Senhor; defeito nele há; não se chegará para oferecer o pão do seu Deus.* Nas Leis Cerimoniais estava expresso que todas as vezes que o sacrificio se iniciasse, era necessário que o sacerdote fosse ungido antes de se



apresentar perante o altar do Senhor. As partes do corpo do sacerdote que deveriam ser ungidas eram: O dedo polegar da mão direita, indicando a positividade do sacerdote em cumprir toda a lei. O dedo do polegar do pé direito, indicando que os pés deste sacerdote andariam apenas nos caminhos do Senhor. E a ponta da orelha direita, indicando que o sacerdote ouviria apenas a voz do seu Deus.

Levítico 14,14: “E o sacerdote tomará do sangue da expiação da culpa, e o porá sobre a ponta da orelha direita daquele que tem de purificar-se e sobre o dedo polegar da sua mão direita, e no dedo polegar do seu pé direito.”

Passemos a outra análise que é a de que quando Pedro cortou a orelha de Malco fez com que este evento pudesse vir a ser entendido como um rompimento entre Jesus e seus discípulos com a casta sacerdotal, visto que para se chegar ao sacerdócio lhe era ungida a ponta da orelha direita, desta forma Jesus ao realizar o seu último milagre antes da ressurreição recolocando a orelha de Malco restabelece o vínculo de hierarquia com a casta sacerdotal.

Mas qual seria o motivo para que Jesus não tenha entrado em conflito com os guardas? Para que se possa entender esse motivo devemos abrir mão de outra citação que é a traição de Judas Mt 26, 14-16: “Então um dos doze, chamado Judas Iscariotes, foi até os chefes dos sacerdotes e disse: “O que me dareis se eu o entregar?” Fixaram-lhe, então, a quantia de trinta moedas de prata. E a partir disso ele procurava uma oportunidade para entregá-lo”.

As trinta moedas de prata dadas a Judas “podem” ter sido:

A palavra utilizada em Mt 26,15 (*ἀργύρια, argyria*) simplesmente significa “moedas de prata”, e os estudiosos discordam sobre o tipo de moeda que teria sido usada. O professor britânico Donald Wiseman sugeriu duas possibilidades; poderiam ter sido utilizadas os tetracmas de Tiro, geralmente referidos como siclos de Tiro (14 gramas de 94% de prata), ou estáteres de Antioquia (15 gramas de 75% de prata), as quais levavam a cabeça de Augusto. Alternativamente, surge a possibilidade de terem sido tetracmas ptolemaicos (13,5 ± 1 g de 25% de prata). (MAROTTA, 2001).



Figura 11

Autoridade Emissora: Tiro. Fenícia, aro AR meio shekel CY142.
Denominação: Dracma de Tiro ou Shekel do Templo, aro DCA 850. 6,74g., 22 mm.
Reverso: Busto laureado de Melkart à direita / ΤΥΡΟΥ ΙΕΡΑΣ ΚΑΙ ΑΣΥΛΟΥ,
Anverso: águia em pé à esquerda na proa, palma para trás; PMB (data) acima para a esquerda; KP acima do monograma para a direita, letra fenícia entre as pernas.
Datação: 16-17 AD.

Referências: DCA 922; RPC I suppl. 4688A.

(Fonte: JAFET Numismática, <https://jafetnumismatica.com.br>)

Quais foram os motivos que levou Judas a entregar Jesus Cristo, decepção com as atitudes do mestre, se sentiu enganado por Jesus não ser o Messias que iria restaurar a liberdade do povo judeu diante da opressão dos romanos através da força, como viria a ser tentado mais tarde no ano de 132 por Bar Kochba, que significa “filho de uma estrela”, em alusão a um versículo bíblico do livro Números. Essa estrela seria uma referência à vinda do messias, a profecia de que um descendente do rei David chegaria ao mundo para restaurar a nação de Israel e a paz na Terra.

Ou pode-se levantar a questão da denúncia de Jesus, por ser Judas o único a entendê-lo, e o denunciou para que isto o levasse a morte, e esta morte o deixaria

livre do corpo, como esta no “Evangelho apócrifo de Judas”, um evangelho atribuído a autores gnósticos.

Retomemos à ênfase desse estudo que é a interpretação teológica da narrativa das trinta moedas de prata e que passa por alguns textos da bíblia em que temos referências à esta quantia de moedas, em Zc 11,12-13, e em Ex 21,32 temos: “Se o boi ferir um escravo ou uma serva dar-se-ão trinta siclos de prata ao senhor destes, e o boi será apedrejado”, ou seja este valor era referente ao valor de um escravo. Em Mt 27,9-10, diz que: “Cumpru-se o que dissera o profeta Jeremias: “Tomaram as trinta moedas de prata, o preço daquele cujo valor foi definido pelos filhos de Israel e deram-nas pelo campo do Oleiro, Conforme o



Senhor me ordenou”.” O historiador Craig Blomberg sugere que Mateus pode querer dizer que "a morte de Jesus é um resgate, o preço pago para garantir a liberdade do escravo", e que o uso do dinheiro do sangue para comprar um funeral para estrangeiros pode sugerir a ideia de que "a morte de Jesus torna possível a salvação para todos os povos do mundo, incluindo os gentios". (BLOMBERG, 2007, p. 96-97)

Mas o que Judas Iscariotes e Ellacuria (entre outros), não entenderam na práxis de realidade de Jesus? Precisamos ainda de mais uma passagem do Novo Testamento para que se possa ter uma visão mais ampla e se possa argumentar como citado na introdução a ênfase se dará na passagem em que Jesus diz:

Então os fariseus se retiraram e elaboraram um plano para surpreender Jesus em alguma palavra. Enviaram-lhe seus discípulos, junto com alguns herodianos, que lhe disseram: “Mestre sabemos que és veraz e ensinas o caminho de Deus com veracidade; que não queres ganhar o favor de ninguém, pois és imparcial. Dize-nos, portanto, qual é tua opinião: é lícito pagar tributo a Cesar, ou não?” Mas Jesus, percebendo a má intenção deles, disse-lhes: “Porque me pondeis à prova, hipócritas? Mostrai-me a moeda do tributo”. Eles lhe apresentaram um denário, e ele lhes perguntou: “De quem são esta imagem e a inscrição? Responderam-lhe: “De Cesar”. Ele lhe disse: “**Devolvei, portanto, a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus**”. Tendo ouvido isso, ficaram sem palavras, deixando-o, foram embora (Mt 22,15-22)



Imagem 12

Autoridade Emissora: Império Romano (Tibério)
Reverso: Tibério AR denário. Lyons mint. TI CAESAR DIVI AVG F
AVGVSTVS, Busto laureado à direita de Tibério / PONTIF MAXIM
Anverso: Livia, como Pax, segurando ramo e cetro, sentado à direita; pernas lisas
para cadeira com linha dupla abaixo. Datação: 14-37 AD.
Referências: RIC 26; BMCRE 34; RSC 16; Sear 1763.²
(Fonte: JAFET Numismática, <https://jafetnumismatica.com.br>)



Considerações finais

Um trabalho acadêmico e linear é o que todos esperam ler, mas este não foi muito acadêmico e muito menos linear, mas a pergunta que se faz é: A vida é acadêmica ou será que o nosso dia a dia é linear? Se não o é porque este trabalho haveria de ser tendo como objetivo analisar a apreensão de realidade do ser humano, através do gatilho imagético da numismática bíblica, imagine-se no metro, em um horário de pico, quantas são as apreensões de realidade por minuto que seu cérebro deve fazer e dar sentido, são bilhões de conexões em cadeia que os neurônios devem realizar, assim foi este trabalho embora com uma linha de pensamento, mas com pouca linearidade.

Durante os últimos séculos as sociedades ocidentais desenvolveram uma forma de pensar e agir, para tudo há necessidade de dividir-se os conhecimentos, a filosofia é separada da teologia esta separada da medicina e assim por diante, mas nas últimas décadas do século XX, tivemos alguns passos na direção de readequar esta forma de pensamento, Zubiri rompe com as definições pré-estabelecidas, e coloca como base de seu trabalho a realidade, esta que o ser humano faz sua apreensão sensiente, através dos sentidos que para ele são onze, ou seja, os cinco conhecidos (visão, paladar, tato, olfato e a audição, temos ainda a cinestesia (sensibilidade nos movimento), cenestesia, (sensibilidade visceral), quente e frio, (sensibilidade labiríntica e vestibular, dor),

diz Zubiri que o ser humano entende sentindo e sente entendendo, e que não são atos distintos primeiro um depois o outro, acontecem no ser humano simultaneamente.

Da mesma forma a neurociência em seus avanços nestes últimos cinco anos de pesquisa sobre o cérebro deu passos na direção do estudo do poder de transformação do real que o ser humano tem, e de que o cérebro se atualiza independente da idade a cada momento de sua vida, através da percepção da realidade. O ser humano percebeu que o cérebro é uma obra prima da natureza, e que por fim este somos nós.

Através do estudo dos neurônios, esta se mapeando os bilhões de neurônios e tentando decifrar informações básicas quanto às suas ligações (sinapses); embora essa formulação simplória sobre o estudo de neurociência seja diferente da feita filosoficamente por Zubiri, ambas caminham na mesma direção, e estas vão ao encontro dos enunciados filosóficos citados no início deste estudo, o ser humano apreende a realidade e a transforma, transformando-se a cada momento de sua vida através da atualização.

Como citado neste trabalho Heidegger diz: “Dasein é definido por Care, seu modo de ser-no-mundo praticamente engajado e preocupado, sobre coisas originalmente descobertas em nossos compromissos práticos cotidianos”.

Para Zubiri, a história é uma atualização de possibilidades, e com Ellacuria, a realidade e a verdade devem ser feitas e descobertas, e que devem ser



criadas e descobertas na complexidade coletiva e sucessiva da história, da humanidade.

Zubiri como importante filósofo que foi rompeu barreiras e por vezes emitiu críticas a outros pensamentos filosóficos que entendia ele não ser errados, mas superados, ou melhor, deveriam ser atualizados, na perspectiva teológica, atualizado pelo Espírito Santo, Ellacuria transpassado pela filosofia e teologia de sua época, e vivenciado conflitos onde a perda de vidas era inevitável, como o evento inesquecível para um jovem de nove anos de idade, o massacre dos anarquistas de seu país, anarquistas esses que conseguiu por um determinado tempo abolir o Estado o dinheiro e as fronteiras, e é com estas imagens que Ellacuria, deu especial atenção ao caráter histórico da morte de Jesus, e por meio de um artigo denominado **Por qué muere Jesús y por qué lo matan**. Ellacuría sustentava que mataram Jesus em decorrência de suas ações que confrontaram a ordem política e religiosa estabelecida. Nessa perspectiva, sua morte seria a consequência de seu anúncio do Reino como oferta de salvação dos pobres e oprimidos, e também porque Jesus foi inimigo dos poderosos e de uma estrutura social injusta.

A resposta à pergunta o que Judas Iscariotes e Ellacuria não entenderam na práxis de realidade de Jesus, esta no próprio artigo de Ellacuria, sendo que o desdobramento desta resposta passa pelo questionamento não respondido que é: Qual seria o motivo para que Jesus não

tenha entrado em conflito com os guardas?

É que Jesus não veio para mudar as estruturas sociais, políticas ou religiosas, mas que poderia te-lo feito se assim o quise-se como citado em Lc 22-50, e as doze legiões de anjos, mas **ele veio para mudar as estruturas dos homens que fazem essas estruturas**.

Jesus não confrontou a ordem política, e nem a ordem religiosa estabelecida, pois em Lc 23,4: Pilatos disse aos Sumos Sacerdotes e às multidões: “Não encontro motivo de condenação neste homem”; ainda em Lucas temos:

Tendo convocado os Sumos Sacerdotes, os chefes e o povo, Pilatos lhes disse: Vós me trouxestes este homem como alguém que subleva o povo; pois bem eu o interroguei em vossa presença e não encontrei neste homem nenhum dos motivos de condenação de que o acusais; e nem Herodes, pois o enviou novamente para nós. Ele nada fez que mereça a morte. (Lc 23, 13-15).

E por fim na passagem Jo 4, 7-41, já citada de Jesus com a samaritana no poço de Jacó, no VV. 41: “E foram mais numerosos os que creram por causa da palavra dele, e diziam à mulher: “Já não é pelo que falaste que cremos. Nós mesmos o ouvimos e sabemos que ele é verdadeiramente o Salvador do mundo”.”

Jesus o Salvador do mundo, nos mostra que a perspectiva soteriológica entende a salvação como salvação na história de cada ser humano da humanidade, desta forma com esse



entendimento distancia-se de como Ellacuría, escreve em seu artigo, da salvação ser de cada ser humano da humanidade oprimida, pois estes também serão salvos.

Desta forma, talvez, somente talvez, um dia a humanidade possa deixar de utilizar o escambo entre as relações, ou seja, de troca ou de favorecimento, mas tenha uma moeda única, a moeda universal do amor, que está cunhada

dentro dos corações, e passemos a utilizá-la, fazendo dessa forma com que a práxis de apreensão de realidade passe pelo próximo, em direção à realidade real, Deus, este que é uma realidade absolutamente absoluta e, por conseguinte, é plenamente Seu. Assim esse homem, estará constitutiva e formalmente religado ao poder do real, Deus.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMPUH. XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Natal, RN-2013. **Da antropologia pré-histórica para a antropologia visual.** Disponível em: <http://www.avph.com.br/ardipithecusramidus.htm>. Acesso em: 24 mar. 2018.
- AZEVEDO, Marcello. **Evangelização, inculturação e vida religiosa.** Rio de Janeiro, Convergência, 1988.
- BELLO, J. S. **Deus, experiência do homem em Xavier Zubiri.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA. **A Bíblia: Novo Testamento.** São Paulo: Paulinas, 2015.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem.** São Paulo: Edusc, 2005.
- CASTELLON MARTÍN, J.J. **Ellacuria y la filosofía de la praxis.** Huelva: Hergué Editorial, 2003.
- COELHO JÚNIOR, Achilles Gonçalves; MAHFOUD, Miguel. **As dimensões religiosa e espiritual da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl.** Revista de Psicologia, São Paulo, v. 12, n. 2, 2001.
- DIMAS, S. F. Rodrigues. **A ação criadora de Deus na teologia filosófica de Xavier Zubiri.** Cauriensia, Lisboa, v. X, 489-505, 2015. ISSN: 1886-4945. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5324115.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2018.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FLORENZANO, Maria B. Borba, **Faces da Moeda,** São Paulo, Editora Olhares, 2009.
- FREUD, Sigmund. **Totem e tabu.** Porto Alegre: L&PM, 2013.
- GALINSKY, Karl, **Augustan Culture: an interpretive introduction.** New Jersey: Princeton University Press, 1996.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1993.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito.** Petrópolis: Vozes, 1992.
- HITCHCOCK J. **The recovery of the sacred.** New York, 1974.
- HORGAN, Jonh. **The end of science.** São Paulo: Helix Books, 1997.
- PESAVENTO, Sandra J. **História e história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.



PORTO, Vagner C. “A iconografia judaica e as moedas da Judeia”, in **Lumen et Virtus**, vol. IV, nº 8, fevereiro/2013.

PHILIPP, Lersch. **Estrutura da personalidade**. Barcelona: Scientia, 1962.

RATZINGER, Joseph. **O sal da terra**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

TEJADA, José Fernández; CHERUBIN Felipe. **O que é a inteligência? Filosofia da realidade em Xavier Zubiri**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.

TEPE, V. **Pequeno rebanho, grande sinal, a Igreja hoje**. São Paulo: Paulus, 2000.

TRIVINHO, Eugênio. **A explosão do cibernundo: velocidade, comunicação e (trans)política na civilização tecnológica atual**. São Paulo: Annablume, 2018.

ZUBIRI, Xavier. **El problema teologal del hombre: Dios, religión, cristianismo**.

Madrid: Alianza Editorial; Fundación Xavier Zubiri, 2015.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e razão**. São Paulo: É Realizações, 2011.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e realidade**. São Paulo: É Realizações, 2011.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligencia sentiente, inteligencia y realidad**. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligencia sentiente**. Madrid: Alianza Editorial; Sociedad de Estudios y Publicaciones, 1991.

ZUBIRI, Xavier. **Natureza, história, Deus**. São Paulo: É Realizações, 2010.

ZUBIRI, Xavier. **Sobre la esencia**. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial; Fundación Xavier Zubiri, 2008.

ZUBIRI, Xavier. **Sobre la realidad**. Madrid: Alianza Editorial, 2001.

¹ Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP), Pós-graduado em Cultura Judaica e em Ensino Religioso (PUC/SP), Engenheiro Mecânico, Teólogo.